

**Inventariar contos sobre futebol:  
o estrangeiro e a mulher nas antologias brasileiras**

*An inventory of football stories:  
the foreigner and the woman in Brazilian anthologies*

Gustavo Cerqueira Guimarães<sup>1</sup>

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais / Brasil  
gustavocerqueira@hotmial.com

**Resumo:** Este artigo tem o objetivo de apresentar as dezoito principais antologias de contos sobre futebol em circulação no Brasil, a exemplo de *Onze em campo* (1986) e *22 contistas em campo* (2006), organizadas por Flávio Moreira da Costa, e *Entre as quatro linhas* (2013), organizada por Luiz Ruffato, levando em consideração alguns de seus *paratextos*, particularmente o *prefácio*, o *sumário*, o *título*, as *referências*, o *nome* e as *notas de autoria*, segundo a concepção de Gérard Genette. Paralelamente a essa apresentação, aponta-se para duas problematizações importantes relacionadas aos estudos comparatistas e ao mundo futebolístico. Em um primeiro momento, menciona-se a presença de autores estrangeiros em algumas das antologias, o que nos permite apontar para a tensão entre *o local* e *o global* presente nas narrativas sobre o futebol desde sua chegada ao Brasil. Num segundo momento, constata-se a baixíssima quantidade de contos publicados por mulheres em relação aos homens,

---

<sup>1</sup> Doutor em Teoria da Literatura e Literatura Comparada e mestre em Teoria da Literatura pela UFMG; graduado em Letras e Psicologia pela PUC-Minas. Atualmente, desenvolve pesquisa junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da UFMG (PNPD-Capes). É pesquisador do Núcleo de Estudos sobre Futebol, Linguagem e Artes da Faculdade de Letras (FULIA-UFMG).

dentre elas Rachel de Queiroz, Hilda Hilst, Edla van Steen, Edy Lima, Adriana Lisboa e Tatiana Salem Levy, suscitando questões relativas à participação da mulher tanto no futebol quanto no discurso literário que o tematiza. Tais aspectos demonstram como o futebol e a literatura (e a edição) se relacionam, dramatizando e refletindo aspectos socioculturais do sujeito contemporâneo.

**Palavras-chave:** antologias de contos sobre futebol; futebol e gênero; estrangeiro; paratexto; literatura comparada.

**Abstract:** This article aims to present the eighteen major anthologies of football stories circulating in Brazil, such as *Entre as quatro linhas* (2013), organized by Luiz Ruffato; *22 contistas em campo* (2006) and *Onze em campo* (1986), both organized by Flávio Moreira da Costa, taking into consideration some of their paratexts, mainly *preface, summary, title, references, name, and authorship notes*, according to Gérard Genette's theory. Parallel to this introduction, we stress two major issues related to comparative studies and to the domain of football: first, we mention the occurrence of foreign authors in some of the anthologies, which allows us to highlight the tension between *the local vs. the global*, present in football narratives since the sport arrived in Brazil. Secondly, there is the very low number of stories published by women in relation to men, among them Rachel de Queiroz, Hilda Hilst, Edla van Steen, Edy Lima, Adriana Lisboa, and Tatiana Salem Levy, raising issues related to women's participation both in football and in the literary discourse that thematizes it. Such aspects reveal how football and literature (also edition) relate, as they enact and reflect sociocultural aspects of contemporary subjects.

**Keywords:** football story anthologies; football and gender; foreigner; paratext; comparative literature.

Recebido em: 31 de agosto de 2016.

Aprovado em: 20 de fevereiro de 2017.

Sou Botafogo, o que já começa por ser um pequeno drama que não torno maior porque sempre procuro reter, como as rédeas de um cavalo, minha tendência ao excessivo. É o seguinte: não me é fácil tomar partido em futebol – mas como poderia eu me isentar a tal ponto da vida do Brasil? [...] E agora vou contar o pior: fora as vezes que vi por televisão, só assisti a um jogo de futebol na vida, quero dizer, de corpo presente. Sinto que isso é tão errada como se eu fosse uma brasileira errada.

Clarice Lispector.

A antologia *Entre as quatro linhas: contos sobre futebol* (2013), organizada por Luiz Ruffato, é uma das mais bem acabadas obras literárias a versar sobre o esporte mais praticado no Brasil. O livro tem a tiragem surpreendente de cinco mil exemplares, número considerado alto para os padrões editoriais brasileiros, além de apresentar um excelente projeto gráfico e bom acabamento para enfeixar as quase duzentas páginas. Não se trata de uma reunião de textos já publicados anteriormente, característica de quase todas as antologias editadas antes dessa. O livro prima pelo ineditismo de suas quinze histórias, contadas por consolidados escritores da cena literária atual, como Adriana Lisboa, André Sant’Anna, Ana Paula Lima, Fernando Bonassi, Cristovão Tezza e Tatiana Salem Levy. “É a prova de que o cenário de rejeição ao futebol como tema, principal ou secundário, de boas histórias de ficção está mudando. Este livro reúne 15 nomes, [...] que aceitaram o desafio e escreveram textos inéditos exclusivamente para essa edição”,<sup>2</sup> adverte-nos Ruffato no texto de abertura “Introdução: futebol e literatura”. No entanto, não foi sempre harmoniosa a relação dos escritores com o jogo dos pés, pois

os escritores brasileiros sempre guardaram distância do tema, rejeitando-o, já nem digo como motivo principal, mas até mesmo como referência secundária. A verdade é que os personagens da nossa prosa de ficção, de maneira geral, transitam num nível da sociedade em que o futebol é ignorado como manifestação coletiva – ou por ainda carregar a pecha de agente de alienação ou por pertencer a um universo que pouco frequenta a nossa ficção, o “povo”, que é quase sempre o “marginal”, nunca o “trabalhador”.<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup> RUFFATO. *Entre as quatro linhas: contos sobre futebol*, p. 10-11.

<sup>3</sup> RUFFATO. *Entre as quatro linhas: contos sobre futebol*, p. 7-8.

Por meio de suas obras, como literato ou antologista, Ruffato, um dos mais significativos escritores brasileiros da atualidade, destaca-se por veicular o discurso das classes mais populares do país, advindo de suas memórias do interior de Minas Gerais.<sup>4</sup> Suas singulares narrativas incluem vez ou outra o tema do futebol, o qual aparece na sua forma mais essencial, como prática de lazer que propicia a convivência entre as pessoas, a exemplo de Zito, de *O mundo inimigo* (2005), que conheceu sua namorada após a pelada da fábrica onde trabalhava:

[...] Hilda conheceu [o Zito] no campo de futebol, Manufatora e Operário. [...] No final da partida, várias moças foram espiar o escrete. Entre elas, Hilda. Morena chocolate, cruzou os olhos com Zito. Ele segurando uma laranja, dirigiu-se ao alambrado, ofereceu a tampinha para a Hilda. Ela agradeceu, ele perguntou se não poderiam se encontrar mais tarde na praça.<sup>5</sup>

A acentuada presença da oralidade em seus textos contribui consideravelmente para a revelação das vicissitudes e dos afetos manifestados pelas personagens nos espaços onde circulam em seu dia a dia: a casa, a rua e, sobretudo, o trabalho. Características bastante comuns entre a maioria dos escritores que se dedicaram sistematicamente ao tema, como Edilberto Coutinho (1933-1995). Esse autor pernambucano publicou o livro de contos *Maracanã, adeus*: onze histórias de futebol (1980), ganhador dos Prêmios Casa de las Américas, de Havana, e

---

<sup>4</sup>Nascido em 1961 em Cataguases/MG, Ruffato graduou-se em Comunicação pela UFJF e vive em São Paulo desde 1990. É autor da narrativa *Eles eram muitos cavalos* (2001), vencedora do Troféu APCA e do Prêmio Machado de Assis, da Fundação Biblioteca Nacional, e publicada na Itália, França, Portugal, Argentina, Colômbia e Alemanha. Também publicou, dentre outros livros, *Estive em Lisboa e lembrei de você* (2009), *Flores artificiais* (2014), *De mim já nem se lembra* (2016) e a pentalogia que ficcionaliza a classe operária brasileira desde meados do século XX até o início do século XXI: “Inferno provisório”, composta por *Mamma, son tanto felice* (2005), *O mundo inimigo* (2005), *Vista parcial da noite* (2006), *O livro das impossibilidades* (2008) e *Domingos sem Deus* (2012), ganhador do Prêmio Casa de las Américas. É organizador de várias antologias, a exemplo de *Nos idos de Março* (2014), cujos textos são de escritores que “denunciam” o regime ditatorial brasileiro. *A história verdadeira do sapo Luiz* (2014) foi sua estreia em literatura infantil, conquistando o Prêmio Jabuti.

<sup>5</sup> RUFFATO. *O mundo inimigo*, p. 141-142.

Grand Prix, de Paris (Categoria Tradução). Sem dúvida alguma, é um dos livros mais bem-sucedidos sobre o futebol no país, mas ainda pouco conhecido entre os acadêmicos das Letras brasileiras, com exceção daqueles que estudam o futebol, para quem esse livro é um clássico. Em Coutinho, o futebol aparece inserido no cotidiano dos personagens de variadas maneiras, além de ser o mote desencadeador para tratar problemas políticos fundamentais da sociedade, tais como o racismo, o machismo e os direitos da mulher, o autoritarismo e a exploração da classe trabalhadora.

Até os anos 1980, ou seja, até a publicação de *Maracanã, adeus*, a maioria dos escritores que tematizaram esse esporte estava emparelhada com a imagem do futebol ligada à nação, reforçando a ideia de pertencimento do “povo brasileiro”. Essa encenação dos personagens se efetivava na relação dos torcedores com as tradicionais copas intercontinentais disputadas entre os países. Por certo, já não estamos nos tempos de exacerbação desse nacionalismo, nem nos tempos do cineasta Alex Viany, que, em 1957, reivindicava por meio do ensaio “Cinema no Maracanã” que o estádio não fosse ignorado pelos homens de cinema do Brasil.<sup>6</sup> Esse texto foi republicado dez anos depois pelo jornalista Milton Pedrosa na seção “Artigos, crônicas, excertos” de *Gol de letra: o futebol na literatura brasileira* (1967),<sup>7</sup> antologia pioneira, publicada pela extinta Editora Gol, que realizou o primeiro esforço de reunir textos dispersos que sobrelevavam o futebol no país. A obra é composta por cerca de sessenta textos divididos em seções de poemas, trechos de romance e de teatro, crônicas, ensaios e contos, todos eles escritos por autores significativos da literatura brasileira: o maranhense, radicado no Rio de Janeiro, Coelho Neto (1864-1934), o carioca Lima Barreto (1881-1922), o paulistano Alcântara Machado (1901-1935), o baiano Osvaldo Dias da Costa (1907-1975), e o mineiro, de Sabará, Aníbal Machado (1894-1964), que possui um dado curiosíssimo em sua biografia, entrou para

---

<sup>6</sup> VIANY. Cinema do Maracanã, p. 130. O artigo foi escrito para a *Olimpiada – Revista da Confederação Brasileira de Desportos Universitários*.

<sup>7</sup> Contos de *Gol de letra*: “Herói” (*Careta*, 1922), Lima Barreto; “Corinthians 2 vs. Palestra 1” (*Brás, Bexiga e Barra Funda*, 1927), Alcântara Machado; “O torcedor” (*Vidas inquietas*, 1943), Coelho Neto; “De tarde e domingo” (*Revista cultural*, 1943), Osvaldo Dias da Costa; “O defunto inaugural” (*Histórias reunidas*, 1959), Aníbal Machado (Cf. PEDROSA. *Gol de letra: o futebol na literatura brasileira*).

a história do Atlético Mineiro por ter feito o primeiro gol do clube em sua primeira partida, no dia 22 de março de 1909.<sup>8</sup>

São apenas cinco os contistas destacados por Milton Pedrosa, pois o futebol não era um assunto “levado a sério” naquele momento. Afinal, “a literatura, ao invés de expressão da vida, se tornara numa caricatura da vida, na imitação servil de padrões estéticos distantes, no dilaceramento piegas de reprimidas emoções”,<sup>9</sup> denuncia o antologista em “O futebol na literatura brasileira”, importante ensaio introdutório do livro, um marco igualmente importante para os estudos literários ligados ao futebol. No conto, continua ele em outro momento,

O tema tem sido aproveitado algumas vezes. Encontramo-lo em “A doença do Antunes” e [...] em “O 22 do Marajó”, de Monteiro Lobato; em “Gaetaninho” [...], de Antônio Alcântara Machado. [...] Breno Acirole deixou-nos “Jaguaré”; de Orígenes Lessa é “Esperança F. C.”; [...] Edilberto Coutinho tem “Nuvem Bárbara”; Sílvio de Castro, “A grande partida”; [...] de Vasconcelos Maia é “Largo da Palma”, e assim outros, cujo número não atinge meia centena.<sup>10</sup>

Entretanto, desde os anos 1980, alguns escritores diminuíram a distância entre a literatura e o futebol, especialmente a partir deste século, quando o número de livros publicados sobre o tema aumentou notavelmente, tanto no âmbito ficcional quanto no âmbito acadêmico, destacando-se também as biografias.<sup>11</sup> Por esse viés, o futebol passou a ser narrado ao lado dos principais acontecimentos políticos, históricos

<sup>8</sup> GALUPPO. *Raça e amor: a saga do Clube Atlético Mineiro vista da arquibancada*, p. 40-41.

<sup>9</sup> PEDROSA. *Gol de letra: o futebol na literatura brasileira*, p. 33-34.

<sup>10</sup> PEDROSA. *Gol de letra: o futebol na literatura brasileira*, p. 4. Inventariar os aproximadamente cinquenta primeiros contos publicados no Brasil até 1967 é tarefa ainda a ser realizada.

<sup>11</sup> Para maiores informações sobre o panorama dos estudos acadêmicos acerca do futebol no Brasil, conferir os trabalhos: GIGLIO; SPAGGIARI. *A produção das ciências humanas sobre futebol no Brasil: um panorama (1990-2009)*; SILVA. *Levantamento da produção sobre o futebol nas ciências humanas e sociais de 1980 a 2007*; CORNELSEN; SILVA. *O futebol visto da academia: entrevista com Elcio Cornelsen e Sílvio Ricardo*.

e socioculturais, atraindo uma nova comunidade de leitores (e editores), realidade ainda em expansão no país.<sup>12</sup>

Nesse mesmo movimento, Luiz Ruffato, com o intuito também de contribuir para a alargamento de narrativas sobre o futebol, organizou *Entre as quatro linhas*, onde ele afirma na introdução que foi Flávio Moreira da Costa o primeiro a realizar uma compilação somente de contos futebolísticos no Brasil, oferecendo maior visibilidade ao tema. “O livro saiu em 1986, com o título *Onze em campo* [...], reeditado doze anos depois, com o título de *Onze em campo e um banco de primeira* [...]. Em 2006, aproveitando a realização da Copa do Mundo na Alemanha, a antologia foi novamente ampliada, modificando o título para *22 contistas em campo*”.<sup>13</sup> Nesse ano, continua Ruffato, mais três antologias sobre futebol foram publicadas: Cyro de Mattos “selecionou 19 autores para compor *Contos brasileiros de futebol*; [...] *11 histórias de futebol* reuniu contos inéditos; e, organizada por Eduardo Coelho, [foi publicado] *Donos da bola*”.<sup>14</sup> A essas oito distintas antologias referidas até o momento, acrescentam-se outras dez, destacadas a partir da pesquisa de doutorado de Edônio Alves Nascimento<sup>15</sup> e por meio de consultas realizadas nos sites Estante Virtual, Livraria Cultura e Ludopédio. Dessa forma, atinge-se um total de dezoito antologias de contos sobre futebol publicadas no Brasil, ou as principais em circulação no país (cf. tabela).

---

<sup>12</sup> Conferir o portal Ludopédio, criado em 2010 pela USP e UNICAMP, que vem se consolidando como o mais importante divulgador da produção de pesquisa futebolística brasileira. Para se estreitar o contato com o assunto do mercado editorial de livros sobre futebol no país, veja-se, por exemplo, a monografia de Piazzini, *Esporte de massa como objeto de nicho: uma análise editorial do mercado de livros de futebol*. Este trabalho realiza uma análise editorial do mercado de livros de futebol, com o foco em algumas editoras independentes.

<sup>13</sup> RUFFATO. *Entre as quatro linhas*: contos sobre futebol, p. 10.

<sup>14</sup> RUFFATO. *Entre as quatro linhas*: contos sobre futebol, p. 10.

<sup>15</sup> NASCIMENTO. *A esfera como metáfora*: representações do futebol no campo da literatura (leituras do tema no conto de ficção). Tese de Doutorado em Linguística Aplicada e Literatura Comparada pela UFRN, lançada em livro em 2015. Conferir especialmente o subcapítulo “Guia de leitura do tema do futebol no conto ficcional brasileiro”.

<b>Título da antologia</b>	<b>Data</b>	<b>Organização</b>	<b>Cidade e editora</b>	<b>Narrativas / Contos</b>
1. <i>Gol de letra: o futebol na literatura brasileira</i>	1967	Milton Pedrosa	Rio de Janeiro: Editora Gol	49 / 5
2. <i>Onze em campo</i>	1986	Flávio Moreira da Costa	Rio de Janeiro: Francisco Alves	11 / 11
3. <i>A palavra é... futebol</i>	1990	Ricardo Ramos	São Paulo: Scipione	10 / 6
4. <i>Onze em campo e um banco de primeira</i>	1998	Flávio Moreira da Costa	Rio de Janeiro: Relume Dumará	16 / 16
5. <i>Outras copas, outros mundos</i>	1998	Marcello Simões Branco	S. Caetano do Sul: Ano-Luz; PECAS	11 / 11
6. <i>Meia encarnada, dura de sangue: literatura e esporte</i>	2001	Ruy Carlos Ostermann	Porto Alegre: Artes e Ofícios	11 / 11
7. <i>A vez da bola: crônicas e contos do imaginário esportivo brasileiro</i>	2004	Miguel de Almeida	São Paulo: Companhia Editora Nacional	7 / 2
8. <i>22 contistas em campo</i>	2006	Flávio Moreira da Costa	Rio de Janeiro: Ediouro	24 / 24
9. <i>Donos da bola</i>	2006	Eduardo Coelho	Rio de Janeiro: Língua Geral	27 / 2
10. <i>Contos brasileiros de futebol</i>	2006	Cyro de Mattos	Brasília: LGE	19 / 19
11. <i>11 histórias de futebol</i>	2006	Vários autores	São Paulo: Nova Alexandria	11 / 11
12. <i>Histórias de futebol</i>	2006	Adilson Miguel; Maria Viana	São Paulo: Scipione	9 / 8
13. <i>A bola gira com o mundo</i>	2006	Vários autores	São Paulo: Nova Alexandria	6 / 6
14. <i>Paixão e ficção: contos e causos de futebol</i>	2009	Luís Pimentel	Rio de Janeiro: Myrrha	11 / 4
15. <i>A cabeça do futebol</i>	2009	Carlos Araújo; Gustavo Castro; Samarone Lima	Brasília: Casa das Musas	28 / 3
16. <i>Livro Bravo! Literatura e futebol</i>	2010	João Gabriel de Lima	São Paulo: Ed. Abril	14 / 6
17. <i>Entre as quatro linhas: contos sobre futebol</i>	2013	Luiz Ruffato	São Paulo: Editora DSOP	15 / 15
18. <i>Futebol: histórias fantásticas de glória, paixão e vitórias</i>	2014	Marco Rigobelli	São Paulo: Draco	10 / 10

O foco a ser lançado em direção a esse *corpus* será em seus elementos *paratextuais*, geralmente considerados elementos acessórios, situados “às margens” das obras, como bem ressaltou Gérard Genette na introdução do seminal livro *Paratextos editoriais*:

para nós o paratexto é aquilo por meio de que um texto se torna livro e se propõe como tal a seus leitores, e de maneira mais geral ao público. Mais do que um limite ou uma fronteira estanque, trata-se aqui de um *limiar*, ou – expressão de Borges ao falar de um prefácio – de um “vestíbulo”, que oferece a cada um a possibilidade de entrar, ou de retroceder. “Zona indecisa” entre o dentro e o fora, sem limite rigoroso, nem para o interior (o texto) nem para o exterior (o discurso do mundo sobre o texto), orla, ou, como dizia Philippe Lejeune: “franja do texto impresso que, na realidade, comanda toda leitura”.<sup>16</sup>

Assim, quando conveniente, abordaremos os *prefácios* das antologias com o intuito de mais satisfatoriamente compreendê-las, tendo em vista a escassez de material crítico produzido sobre elas. Vale dizer que, na concepção de Genette, o *prefácio* é “toda espécie de texto liminar (preliminar ou pós-liminar), autoral ou alógrafo, que consiste num discurso produzido a propósito do texto que segue ou que antecede”.<sup>17</sup>

Outros paratextos também serão destacados, pois do *sumário* e das *notas sobre o autor*, por exemplo, extrairemos o título e a autoria de cada um dos contos presente nas antologias, além da obra e do ano de sua divulgação. Porém, nem todas elas trazem essas duas últimas especificações, concernentes ao contexto de publicação. Na medida do possível, essas lacunas foram preenchidas. Dessa forma, as principais informações sobre os contos convergem para um único lugar, o que torna este trabalho um guia de consulta sobre contos futebolísticos. Os dados referentes aos contos virão em nota de rodapé da seguinte forma: “Amistoso” (*Cem crônicas escolhidas*, 1958), Rachel de Queiroz.

Com base ainda nos *sumários* e nas *notas sobre o autor*, apontaremos para a presença de escritores estrangeiros nas antologias. A incidência é pequena, mas suficiente para destacarmos a tensão entre *o local e o global* suscitada pela própria ideia de nação, tema caro aos

---

<sup>16</sup> GENETTE. *Paratextos editoriais*, p. 9-10.

<sup>17</sup> GENETTE. *Paratextos editoriais*, p. 145.

estudos comparatistas. Apontaremos também, mais sistematicamente, para as escritoras presentes em todas as antologias, o que é igualmente “estranho”, tendo em vista que elas estão em um lugar pouco frequentado pelas mulheres. Nação e gênero são temas bastante recorrentes tanto nos estudos de literatura comparada quanto no mundo dos esportes, pois compõem a identidade dos indivíduos que falam e determinam as competições conforme a nacionalidade e o gênero das(os) atletas.

Outro aspecto importante a ser considerado é o fato de algumas antologias trazerem textos que, a rigor, não são contos, como os poemas e as canções que se estruturam a partir das categorias fundamentais do gênero literário prosaico: tempo, espaço e sujeito. Assim, ao subtrair os textos poéticos, encontramos 289 narrativas, dentre contos, crônicas, ensaios, relatos e epístolas. Algumas coletâneas não trazem em seus paratextos a informação sobre o gênero dos textos, exigindo um esforço maior para que os contos sejam discriminados. Para tanto, foi realizada a releitura dessas produções, focalizando a diferenciação, mais delicada, entre conto e crônica, adotando as diretrizes propostas por Jorge de Sá em *A crônica*:

Enquanto *o contista mergulha* de ponta-cabeça na construção do personagem, do tempo, do espaço e da atmosfera que darão força ao fato “exemplar”, *o cronista age de maneira mais solta*, dando a impressão de que pretende apenas ficar na superfície de seus próprios comentários, sem ter sequer a preocupação de colocar-se na pele de um narrador, que é, principalmente, personagem ficcional (como acontece nos contos, novelas, romances). Assim, quem narra uma crônica é o seu autor mesmo, e tudo o que ele diz parece ter acontecido de fato, como se nós, leitores, estivéssemos diante de uma reportagem.<sup>18</sup>

No entanto, pelo fato de o conto e a crônica apresentarem muitos pontos de interseção, os critérios empregados para distingui-los poderão ser repensados *a posteriori*. Assim, os problemas teóricos mais complexos acerca do gênero não serão aqui abordados, porque demandariam uma análise mais pormenorizada acerca da *literariedade* dos textos, por exemplo. Enfim, o esforço foi o de não colocarmos no mesmo plano um conto de Sérgio Sant’Anna, uma crônica de Lima Barreto e o relato do jogador Zico em *Paixão e ficção*.

<sup>18</sup> SÁ. *A crônica*, p. 9, grifos nossos.

Finalmente, após essa distinção, dispomos de 170 contos com entrada nos sumários das antologias. No entanto, muitos aparecem mais de uma vez. O conto “Escapando com a bola”, de Luiz Vilela, foi publicado cinco vezes e é o recordista isolado em número de aparições. Ao descartarmos todas as repetições, computamos 126 contos escritos por 111 autores. O número de autores é inferior ao número de contos publicados nas antologias porque alguns participam com mais de um conto, como é o caso de João Antônio, autor mais frequente nas antologias, comparecendo em sete delas e publicando os contos “Juiz” quatro vezes, “Almas da galera” duas vezes e “Afinação da arte de chutar tampinhas”.

### Outras narrativas

Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver no Universo...  
Por isso a minha aldeia é tão grande como outra terra qualquer  
Porque eu sou do tamanho do que vejo  
E não do tamanho de minha altura...

Alberto Caeiro.

Coube ao renomado antologista Flávio Moreira da Costa,<sup>19</sup> também escritor, a tarefa de organizar e publicar pela editora Francisco Alves o primeiro livro de contos sobre futebol: *Onze em campo* (1986),<sup>20</sup>

<sup>19</sup> Flávio Moreira da Costa nasceu em Porto Alegre em 1942. Possui uma ampla atuação no campo das letras, com mais de quatro dezenas de livros publicados entre antologias, contos e romances. Recebeu o Prêmio Jabuti em duas ocasiões nas categorias “Conto”, com *Nem todo canário é belga* (1997), e “Romance”, com *O equilibrista do arame farpado* (1996), além de ter sido finalista em duas outras ocasiões com os romances *O país dos ponteiros desconstruídos* (2004) e *Modelo para morrer* (1999). Seu primeiro livro foi o ensaio *Cinema moderno, cinema novo* (1966).

<sup>20</sup> Contos de *Onze em campo*: “Vadico” (*Sangue na praça*, 1965), Edilberto Coutinho; “Abril, no Rio, em 1970” (*Feliz Ano Novo*, 1975), Rubem Fonseca; “Escapando com a bola” (*Lindas pernas*, 1979), Luiz Vilela; “Casados x Solteiros” (*Os inventores estão vivos*, 1980), Ricardo Ramos; “Na boca do túnel” (*O concerto de João Gilberto no Rio de Janeiro*, 1982), Sérgio Sant’Anna; “Escanteio” (*Katmandu*, 1983), Anna Maria Martins; “A solidão do goleiro” (*Malvadeza Durão*, 1984), Flávio Moreira da Costa; “Que horas são?” (*Até sempre*, 1985), Edla van Steen; “Juiz” (*O dedo-duro*, 1985), João Antônio; “O rei da superstição” (*Onze em campo*, 1986), Carlos Eduardo Novaes; e “Lucrécia” (*Onze em campo*, 1986), Duílio Gomes (Cf. COSTA. *Onze em campo*).

título que se refere ao número de jogadores de uma equipe. Ele escalou nove homens e duas mulheres, conforme bem demarcou Luiz Ruffato na introdução de *Entre as quatro linhas*. Edla van Steen (1936) e Anna Maria Martins (1924), ambas muito importantes para a literatura brasileira, foram as mulheres convocadas a comparecer, respectivamente, com os contos “Que horas são?” e “Escanteio”.

Doze anos depois, o mesmo Moreira da Costa acrescentou mais cinco autores, em alusão aos jogadores suplentes de uma equipe, e publicou por uma nova editora, a Relume Dumará, a antologia *Onze em campo e um banco de primeira* (1998).<sup>21</sup>

Quando da elaboração da primeira edição desta antologia, foi feito um levantamento para colocar esses contistas em campo. Havia muito pouco material disponível. A partir de uma coletânea anterior, que misturava vários gêneros (*Gol de letra*, organizada por Milton Pedrosa), percebi que seria mera repetição selecionar entre os raros textos do passado. Fiz minha escalação. Não existiam contos sobre futebol? Muito simples, inventa-se. Encomenda-se a este e àquele autor.<sup>22</sup>

Uma mulher a mais foi “escalada”, dado igualmente assinalado por Luiz Ruffato no preâmbulo de sua seleta. Hilda Hilst (1930-2004) foi especialmente convidada e apresentou “Aguenta coração”.

<sup>21</sup> Contos de *Onze em campo e um banco de primeira*: “Corinthians 2 x Palestra 1” (*Brás, Bexiga e Barra Funda*, 1927), Alcântara Machado; “Vadico” (*Sangue na praça*, 1965), Edilberto Coutinho; “Abril, no Rio, em 1970” (*Feliz Ano Novo*, 1975), Rubem Fonseca; “Já podeis da pátria filhos” (revista *Playboy*, 1978), João Ubaldo Ribeiro; “Escapando com a bola” (*Lindas pernas*, 1979), Luiz Vilela; “Casados x Solteiros” (*Os inventores estão vivos*, 1980), Ricardo Ramos; “Na boca do túnel” (*O concerto de João Gilberto no Rio de Janeiro*, 1982), Sérgio Sant’Anna; “Escanteio” (*Katmandu*, 1983), Anna Maria Martins; “Pênalti!” (*Os especiais*, 1984), Marcos Rey; “A solidão do goleiro” (*Malvadeza Durão*, 1984), Flávio Moreira da Costa; “Que horas são?” (*Até sempre*, 1985), Edla van Steen; “Juiz” (*O dedo-duro*, 1985), João Antônio; “O rei da superstição” (*Onze em campo*, 1986), Carlos Eduardo Novaes; “Lucrécia” (*Onze em campo*, 1986), Duílio Gomes; “O Esperança Futebol Clube”, Orígenes Lessa; e “Aguenta coração” (*Onze em campo e um banco de primeira*, 1998), Hilda Hilst (Cf. COSTA. *Onze em campo e um banco de primeira*).

<sup>22</sup> COSTA. *Onze em campo e um banco de primeira*, p. 12.

Já em 2006, Flávio Moreira da Costa modificou novamente sua coletânea, que passou a se chamar *22 contistas em campo* (2006).<sup>23</sup> Nessa reelaboração, ele realizou suas maiores e últimas intervenções ao suprimir três contos, além de incorporar outros onze. Um deles é “Amistoso”, de Rachel de Queiroz (1910-2003), mais uma mulher. Ademais, o organizador excluiu os contos de Carlos Eduardo Novaes, Ricardo Ramos e Orígenes Lessa, sem qualquer notificação sobre as motivações, e acrescentou uma “Nota de aquecimento”, situada antes da introdução presente nas três edições – “Jogo preliminar: ficção x futebol”. Nessa nota, o autor revela um pouco do processo editorial das três edições (1986, 1998 e 2006), cujo tempo de consolidação foi de aproximadamente três décadas.

Em 1977 ou 78 tive a ideia, com o título e tudo, de fazer uma antologia chamada *22 contistas em campo*. Com os originais em mãos, depois de pesquisar e de convocar alguns contistas, encontrei resistência por parte dos editores. Havia no ar a ideia de que “livro de futebol não

---

<sup>23</sup> Contos de *22 contistas em campo*: “Corinthians 2 x Palestra 1” (*Brás, Bexiga e Barra Funda*, 1927), Alcântara Machado; “Vadico” (*Sangue na praça*, 1965), Edilberto Coutinho; “Abril, no Rio, em 1970” (*Feliz Ano Novo*, 1975), Rubem Fonseca; “Já podeis da pátria filhos” (revista *Playboy*, 1978), João Ubaldo Ribeiro; “Escapando com a bola” (*Lindas pernas*, 1979), Luiz Vilela; “Na boca do túnel” (*O concerto de João Gilberto no Rio de Janeiro*, 1982), Sérgio Sant’Anna; “Escanteio” (*Katmandu*, 1983), Anna Maria Martins; “A solidão do goleiro” (*Malvadeza Durão*, 1984), Flávio Moreira da Costa; “Pênalti!” (*Os especiais*, 1984), Marcos Rey; “Que horas são?” (*Até sempre*, 1985), Edla van Steen; “Juiz” (*O dedo-duro*, 1985), João Antônio; “Lucrécia” (*Onze em campo*, 1986), Duílio Gomes; e “Aguenta coração” (*Onze em campo e um banco de primeira*, 1998), Hilda Hilst. Os onze contos incorporados a esta antologia: “Os fantasmas e o jogo de futebol” (1866), Patrick Kennedy; “Juan Polti, *half-back*” (revista *Atlântida*: 1918), Horacio Quiroga; “Amistoso” (*Cem crônicas escolhidas*, 1958 [1954]), Rachel de Queiroz; “O suborno” (*Inútil canto e inútil pranto pelos anjos caídos*, 1977), Plínio Marcos; “É gol” (*É gol – torcida amiga, boa tarde*, 1982), Ignácio de Loyola Brandão; “Ponta-esquerda” (*Montevideanos*, 1959), Mario Benedetti; “A falta de Tabaré” (*Contos de futebol*, 1997), Aldyr Garcia Schlee; “Dia dos mortos” (*A dama do Bar Nevada*, 1987), Sergio Faraco; “Jogadores” (*Guatá*, 2005), Flávio José Cardozo; “Penalidade máxima” (*22 contistas em campo*, 2006), Flávio Carneiro; “Aqui na terra estão jogando futebol” (*22 contistas em campo*, 2006), Moacyr Scliar (Cf. COSTA. *22 contistas em campo*).

vende”, herança de um redundante e recente fracasso de um livro de luxo sobre Pelé. [...] O livro [...] – 28 anos depois e às vésperas da Copa na Alemanha, em 2006 – chega à sua forma originalmente concebida. [...] E possivelmente definitiva.<sup>24</sup>

Outra novidade dessa antologia é a sua divisão em três seções: “Seleção I”, “Seleção II” e “Banco de reservas (um pouco de história)”. As duas primeiras trazem onze contos em cada uma delas e a última seção apresenta dois contos traduzidos para o português: “Os fantasmas e o jogo de futebol” (1866), do britânico Patrick Kennedy, que, segundo o organizador, inaugura a literatura futebolística; e “Juan Polti, *half-back*” (1918), primeiro conto escrito na América Latina, do uruguaio Horacio Quiroga. Mario Benedetti é outro uruguaio escalado entre os 24 contistas que compõem essa seleção, cujo critério de escolha passa a abranger autores estrangeiros. O seu conto “Ponta-esquerda” está na abertura do livro. A incorporação de narrativas uruguaias nessa antologia parece ser um reflexo das próprias experiências de Moreira da Costa com o país vizinho desde sua infância. Veja o que ele afirma em entrevista: “[eu] morava em [Santana do] Livramento, [ao sul do] Brasil, atravessava a praça, e passava para Rivera, Uruguai, para ir ao cinema ou tomar sorvete. Ninguém me pedia passaporte, nem classificava os dois países e as duas línguas, que aliás se misturavam”.<sup>25</sup> Com atitudes assim, Moreira da Costa nos convida a pensar que não devemos aceitar de antemão as definições de literatura (ou de cidadania) apenas em termos da “origem” do autor, como se a nacionalidade garantisse ao texto literário um lugar de enunciação puro, longe de qualquer contágio de outras culturas.

A escalção de estrangeiros para compor antologias de contos sobre futebol também foi adotada por outros organizadores. *Entre as quatro linhas*, de Luiz Ruffato, apresenta a “chilena” Carola Saavedra, residente no Brasil, e Adriana Lisboa, “brasileira”, mas radicada nos Estados Unidos. A compilação *Donos da bola*, de Eduardo Coelho, traz o moçambicano Mia Couto e o português Gastão Cruz. Já em *Contos brasileiros de futebol*, de Cyro de Mattos, figura o libanês Salim Miguel, enraizado no Brasil.

---

<sup>24</sup> COSTA. *22 contistas em campo*, p. 7.

<sup>25</sup> COSTA. Entrevista com Flávio Moreira da Costa.

Flávio Moreira da Costa, como ficcionista que tematiza o futebol, explorou bastante a interpenetração dos discursos periférico e hegemônico dentro do próprio Brasil, que por sua vez também promove a tensão entre o nacional e o global. Em *Malvadeza Durão* (1981), ele traça perfis de figuras populares regionais e reforça alguns tipos que somente ao Brasil poderiam pertencer. Esse livro de contos é dedicado “aos velhos partideiros, sambistas da antiga, conhecidos e desconhecidos, malandros e valentes”, que lhe ensinaram “mais do que qualquer autor, a maleabilidade, a criatividade da língua que falamos e que só raramente escrevemos”.<sup>26</sup> *Malvadeza Durão – mais, Nélsion Barbante; Nezinho Copacabana; Coisa Ruim; Bezzerro Bill; Drácula e outros contos malandros* é dividido em quatro seções e traz três contos que tematizam o futebol: “A solidão do goleiro” integra a seção “I (contos cariocas)”, “*El día en que me quieras* ou O casamento de Julinho” e “Um dia de glória na vida de Carlos Alberto, o popular Nenê” integram, respectivamente, as seções “II (contos fluminenses)” e “IV (contos gaúchos)”. No Brasil, parece irromper uma força propulsora a partir de seus grupos periféricos, que incorpora e transforma os modos hegemônicos à sua maneira, coexistindo, assim, com uma força retrátil que muito estima o traço autóctone. Para um território da grandeza deste país, que por inúmeras razões repercutiu majoritariamente a voz de comunidades literárias e futebolísticas do eixo Rio-São Paulo, a proliferação dos discursos às suas margens passa a ser bastante salutar para abalar a ideia de um centro, de uma “universalidade”.

Nessa perspectiva de enaltecimento das narratividades locais, tornam-se necessárias as indagações acerca das manifestações literárias e discursivas de modo geral, para além do cânone já estabelecido. O que nos diriam, por exemplo, as narrativas sobre futebol derivadas do Pará ou do Espírito Santo? Quais sujeitos/personagens fazem parte da edificação do esporte nessas localidades, e como o fazem? Quais autores escreveram textos e em quais circunstâncias eles foram publicados? Investigadores não têm medido esforços para melhor compreender e inserir narrativas de outras regiões na memória do futebol brasileiro. São os casos, por exemplo, dos livros *O futebol em Santa Catarina* (2014),

---

<sup>26</sup> COSTA. *Malvadeza Durão – mais, Nélsion Barbante, Nezinho Copacabana, Coisa Ruim, Bezzerro Bill, Drácula e outros contos malandros*, p. 7.

de Alexandre Fernandez Vaz e Norberto Dallabrida, e *Casos de todos os tempos: folclore do futebol de Mato Grosso* (2011), de Nelson Severino.

No campo específico da literatura futebolística, *Meia encarnada, dura de sangue* (2001),<sup>27</sup> por exemplo, é um modelo de antologia que reúne apenas contos de autores de um único estado do Brasil. Publicada em Porto Alegre, ela apresenta onze contos sobre o futebol apenas de “escritores gaúchos, mortos e vivos, consagrados e novos”,<sup>28</sup> notificando, na apresentação, o organizador Ruy Carlos Ostermann, jornalista e escritor. Essa antologia é a única que está “fora” das tradicionais narrativas perspectivadas pelos paulistas e cariocas. Afinal, constata-se que, dentre as dezoito antologias aqui tratadas, a metade foi publicada em São Paulo e outras seis publicadas no Rio de Janeiro, além de mais duas em Brasília. Importante destacar também que Valesca de Assis (1945) comparece nessa antologia, autora da breve narrativa “A mulher do zagueiro central”.

Desviando um pouco dos paratextos, vejamos a partir das próprias narrativas desse livro dois exemplos de como se evidenciam as manifestações da língua e memória locais. No início do conto “Vinagre deu uma voadeira”, de Paulo Ribeiro, o narrador enuncia: “Os marrecão ficavam dum lado e a bola às vezes tinha caído bem pro outro. Tinha

---

<sup>27</sup> Contos de *Meia encarnada, dura de sangue – literatura e esporte*: “Entonces ele me viu” (*Perseguição e cerco a Juvêncio Gutierrez*, 1990), Tabajara Ruas; “Dia dos mortos” (*A dama do Bar Nevada*, 1987), Sergio Faraco; “Gre-Nal” (*Traçando Porto Alegre*, 1994), Luis Fernando Verissimo; “Vinagre deu uma voadeira” (*Vitrola dos ausentes*, 1993), Paulo Ribeiro; “O massacre dos inocentes” (*Solo de clarineta*, 1973), Erico Verissimo; “Pênalti”, Moacyr Scliar; “Maestro del fútbol” (*Contos de futebol*, 1997), Aldyr Garcia Schlee; “A mulher do zagueiro central” (*Crônica e cidade*, 1997), Valesca de Assis; “É só dar a saída”, Paulo Bentancur; “O batedor” (*O batedor*, 1998), Sérgio Capparelli; “Meia encarnada, dura de sangue” (*Noturnos do amor e da morte*, 1989), Lourenço Cazarré – vale destacar que esse conto foi adaptado pela Rede Globo para o seriado *Brava gente*, dirigido por Jorge Furtado. (Cf. OSTERMANN. *Meia encarnada, dura de sangue – literatura e esporte*).

<sup>28</sup> OSTERMANN. *Meia encarnada, dura de sangue – literatura e esporte*, p. 9. Essa antologia traz também outros três contos sobre temáticas esportivas diferentes: basquete, bolinha de gude e o excêntrico “jogo do osso” (um jogo local). O organizador é detentor de significativa produção acerca do futebol, com destaque para *Itinerário da derrota: crônicas de cinco Copas do Mundo sem Pelé* (1992) e *Felipão, a alma do penta* (2002), uma biografia.

uns na torcida que queriam ajudar e gritavam: ‘Mais pra lá’. Diziam que os meninos eram uns vendidos. Tinha uns dois que já estavam quase deixando de ser *marrecão* pra jogar mesmo”.<sup>29</sup> Segundo os dicionários, o vocábulo *marrecão* se refere apenas a “uma ave da família dos anatídeos”, logo não há “nenhuma referência aos gandulas que a palavra designa em todo o Rio Grande”,<sup>30</sup> antecipa Ostermann ao introduzir o conto.

Já “Maestros del fútbol”, de Aldyr Garcia Schlee, apresenta particularidades advindas dos espaços onde se joga *la pelota*. Sobre isso, Schlee diz o seguinte, em entrevista ao jornal *Zero Hora*: “no Uruguai eu sou considerado autor uruguaio [...]. A minha literatura, que pode ser muito conhecida dentro do Uruguai, é virtualmente desconhecida no Brasil, primeiro pela dificuldade temática. O meu mundo literário tem pouco a ver com o Brasil”.<sup>31</sup> A narrativa está publicada em *Contos de futebol* (1997), originalmente lançado em Montevidéu, em 1995. Muitas vezes, os contos do autor se passam num território fronteiro entre o Brasil e o Uruguai, onde os habitantes se comunicam por meio de uma língua híbrida; outras vezes, todo o imaginário dos personagens está atrelado ao país vizinho, pois eles possuem ídolos celestes e estão inseridos em outros jogos discursivos:

Quem falava muito comigo era *el Pollo* Tejada, treinador da 3ª Divisão. Daqui da Terceira – dizia – saiu Pepe Schiaffino [reconhecido jogador uruguaio], em 1945, e debutou direto na seleção celeste, antes de jogar no primeiro quadro do Peñarol. Aqui se fazem dois tipos de craques – explicava – os que vão jogar a vida toda por aí fora, depois de se demorarem aqui sem deixar recordações; e os que, com uma passagem breve mas igualmente espetacular por esta Terceira, se tornam inesquecíveis porque se fazem “*maestros del fútbol*” como *el Pepe*.<sup>32</sup>

Narrativas assim nos levam a pensar sobre os limites geográficos estabelecidos nos mapas, pois eles não deveriam ser admitidos de antemão como “naturais”, mas em construção. Como visto, a literatura é um potente instrumento para exercitar essa expansão das fronteiras (das

<sup>29</sup> RIBEIRO. Vinagre deu uma voadeira, p. 62, grifos nossos.

<sup>30</sup> OSTERMANN. *Meia encarnada, dura de sangue*, p. 61.

<sup>31</sup> SCHLEE. Aldyr Garcia Schlee trata da fronteira imaginada em sua literatura.

<sup>32</sup> SCHLEE. *Maestros del fútbol*, p. 77, grifos do autor.

línguas), bem como matéria crucial para refletir sobre as concepções que giram em torno da nação (território) e dos sujeitos que nela habitam.

Nos dias de hoje, esse intercâmbio entre as literaturas que encenam o futebol tende a se multiplicar cada vez mais. Vejam-se, por exemplo, as antologias de contos relativamente recentes publicadas no Chile e em Portugal. *Por amor a la pelota: once cracks de la ficción futbolera* (2015), organizado por Shawn Stein e Nicolás Campisi, reúne um conto de cada um dos dez países que integram a Conmebol, além do México.<sup>33</sup> O conto “Na boca do túnel”, de Sérgio Sant’Anna, é o representante brasileiro – traduzido para a língua espanhola. Por sua vez, os lusitanos verteram para o português dez contos hispano-americanos e os publicaram em *Contos de futebol* (2002). A obra original, que conta com 24 narrativas, foi publicada na Argentina e organizada pelo ex-jogador Jorge Valdano – *Cuentos de fútbol* (1998).<sup>34</sup> Intervenções editoriais como as realizadas por esses antologistas são muito bem-vindas, pois promovem a literatura ao mesmo tempo em que expandem o discurso *do outro* sobre o futebol. Ou seja, a partir do contato com a alteridade uma nova ordem das

<sup>33</sup> Autores da antologia *Por amor a la pelota: once cracks de la ficción futbolera*: Selva Almada (Argentina), Edmundo Paz Soldán (Bolívia), Sérgio Sant’Anna (Brasil), Roberto Fuentes (Chile), Ricardo Silva Romero (Colômbia), José Hidalgo Pallares (Equador), Juan Villoro (México), Javier Viveros (Paraguai), Sergio Galarza (Peru), Carlos Abin (Uruguai), Miguel Hidalgo Prince (Venezuela) (Cf. STEIN; CAMPISI. *Por amor a la pelota: once cracks de la ficción futbolera*).

<sup>34</sup> Cf. VALDANO. *Cuentos de fútbol*; VALDANO. *Contos de futebol*. Autores presentes nessas duas antologias: Mario Benedetti (Uruguai), Miguel Delibes (Espanha), Julio Llamazares (Espanha), Javier Marías (Espanha), Rosa Regàs (Espanha), Augusto Roa Bastos (Paraguai), José Luis Sampedro (Espanha), Osvaldo Soriano (Argentina), Alfredo Bryce Echenique (Peru), Jorge Valdano (Argentina) / Fulgencio Argüelles (Espanha), Bernardo Atxaga (Espanha), Carlos Casares (Espanha), Agustín Cerezales (Espanha), Fernando Fernán-Gómez (Peru), Ángel Fernández-Santos (Espanha), Roberto Fontanarrosa (Argentina), Eduardo Galeano (Uruguai), Juan García Hortelano (Espanha), Justo Navarro (Espanha), Julio Ramón Ribeyro (Peru), Manuel Rivas (Espanha), Manuel Vicent (Espanha), Juan Villoro (México). Autores presentes apenas na edição argentina: Fulgencio Argüelles (Espanha), Bernardo Atxaga (Espanha), Carlos Casares (Espanha), Agustín Cerezales (Espanha), Fernando Fernán-Gómez (Peru), Ángel Fernández-Santos (Espanha), Roberto Fontanarrosa (Argentina), Eduardo Galeano (Uruguai), Juan García Hortelano (Espanha), Justo Navarro (Espanha), Julio Ramón Ribeyro (Peru), Manuel Rivas (Espanha), Manuel Vicent (Espanha), Juan Villoro (México).

narrativas futebolísticas pode ser estabelecida. A partir da reordenação e divulgação dessas outras narrativas, por meio de outros jogos narrativos, incluindo os de autoria feminina, como veremos a seguir, é que certas comunidades podem reconstruir e exaltar seus próprios ídolos, criando uma outra língua dentro da própria língua.

### **Outras mulheres em campo**

Então, na minha avidez por participar de tudo, logo de futebol que é Brasil, eu não vou entender jamais? E quando penso em tudo no que não participo, Brasil ou não, fico desanimada com minha pequenez. Sou muito ambiciosa e voraz para admitir com tranquilidade uma não participação do que representa a vida. Mas sinto que não desisti. Quanto a futebol, um dia entenderei mais.

Clarice Lispector.

Mais do que a presença de escritores estrangeiros nas antologias de contos sobre futebol, o que antes se destaca por meio dos *sumários* é a alta incidência de homens em relação ao pequeno número de mulheres. Isso, obviamente, é um reflexo da cultura e da história brasileiras, protagonizadas por homens. Ou seja, como se fosse o equivalente a dizer, sem restrições, que o futebol é “naturalmente” relacionado ao gênero masculino. Na verdade, “ao longo da história do esporte nacional foram e são distintos os incentivos, os apoios, as visibilidades, as oportunidades, as relações de poder, conferidos a mulheres e homens, seja no âmbito da participação, seja na gestão ou administração”,<sup>35</sup> afirma Silvana Vilodre Goellner, uma das principais pesquisadoras brasileiras sobre a participação da mulher nos esportes.

Não é difícil de inferir que a representação do futebol na literatura também é campo hegemônico dos homens. Até o presente momento, mostramos apenas cinco contos de escritoras: “Amistoso”, de Rachel de Queiroz; “Escanteio”, de Anna Maria Martins; “Que horas são?”, Edla van Steen; “Aguenta coração”, de Hilda Hilst, e “A mulher do zagueiro central”, de Valesca de Assis. Vejam-se, a seguir, as antologias que trazem mais

---

<sup>35</sup> GOELLNER. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história, p. 85.

escritoras em seu elenco. Mas, antes, sumariamente, mostram-se as outras antologias publicadas no Brasil, compostas irrestritamente de homens.

*Donos da bola* (2006),<sup>36</sup> compilação estabelecida pelo pesquisador Eduardo Coelho, apresenta 46 textos de autores fundamentais para a cultura brasileira, tais como Drummond, Cabral, Clarice, Vinícius, Jorge Ben, Chico Buarque, João Bosco e Aldir Blanc. O livro traz “contos, crônicas, letras de música e poemas sobre futebol ou que o tenham como pano de fundo. Os textos encontram-se agrupados em seções, para que estimulem diálogos entre os gêneros e as maneiras de observar e compreender esse jogo”.<sup>37</sup> A proposta de hibridação de gênero desse livro é exclusivamente textual, pois pouco contempla a mistura de homens e mulheres. Entre os dezenove autores selecionados, figura somente uma escritora, Clarice Lispector, com duas narrativas: o conto “A procura de uma dignidade” e a crônica “Armando Nogueira, futebol e eu, coitada” – fragmentos dela são citados em duas epígrafes deste trabalho. Todavia, essas narrativas não serão levadas em consideração para compor a seleta de contos escritos por mulheres: uma por razões de gênero, pois não é conto, e a outra pelo fato de o futebol não aparecer ao longo da narrativa. É certo que o conto de Clarice está incluído em *Donos da bola* porque o Maracanã é um espaço frequentemente evocado na trama, mas em momento algum como cenário de uma partida.

Uma das antologias mais difundidas no Brasil foi *Livro Bravo! Literatura e futebol* (2010).<sup>38</sup> Ela foi publicada pela Editora Abril e organizada pelo jornalista João Gabriel de Lima, reunindo, como *Donos da bola*, poetas, cronistas e contistas canonizados pela crítica literária. Edilberto Coutinho, Sérgio Sant’Anna e Rubem Fonseca compõem “pavimentando uma estrada na qual, hoje, caminham autores da chamada ‘Geração 90’, como Marcelino Freire e Flávio Carneiro”.<sup>39</sup> Ao selecionar

---

<sup>36</sup> Contos presentes em *Donos da bola*: “Lençol em curva” (2006), de Mauricio Matos, e “Cicatrizes (uma história de futebol)”, de Luiz Ruffato (Cf. COELHO. *Donos da bola*).

<sup>37</sup> COELHO. *Donos da bola*, p. 14.

<sup>38</sup> Contos de *Livro bravo! Literatura e futebol*: “Gaetaninho” (*Brás, Bexiga e Barra Funda*, 1927), Alcântara Machado; “Abril, no Rio, em 1970” (*Feliz Ano Novo*, 1975), Rubem Fonseca; “Na boca do túnel” (*O concerto de João Gilberto no Rio de Janeiro*, 1982), Sérgio Sant’Anna; “O dia em que o Brasil perdeu a copa” (*Anatomia de uma derrota*, 1986), Paulo Perdigão; “Penalidade máxima” (2006), Flávio Carneiro; “Botica” (revista *Mercearia*, 2006), Marcelino Freire (Cf. LIMA. *Livro bravo! Literatura e futebol*).

<sup>39</sup> MOUTINHO. Apresentação, p. 12.

dezoito textos, “referência ao número de jogadores inscritos numa partida oficial”, buscou-se “contemplar todos os gêneros, as distintas épocas e os mais relevantes personagens do futebol”,<sup>40</sup> profere o editor Marcelo Moutinho. Além disso, o livro exhibe, por meio de um elaborado projeto gráfico de Klaus Bernhoelft, 24 fotografias de artistas que retrataram o mundo da bola e caricaturas dos autores presentes, desenhadas por Ricardo Soares. Nessa edição, Clarice Lispector comparece com a mesma crônica publicada em *Donos da bola*.

A antologia *A palavra é... futebol* (1990),<sup>41</sup> publicada pela Editora Scipione para fins paradidáticos, foi arranjada por Ricardo Ramos, trazendo também memoráveis narradores, dentre eles alguns modernistas, como Graciliano Ramos, pai do organizador. Essa edição, por meio de dez narrativas, “pretende esclarecer para o jovem leitor o processo que transformou o futebol de ‘esquisitice’ em patrimônio cultural nacional”, advertem-nos os editores na apresentação. Há seis contos de escritores importantes da literatura brasileira: Alcântara Machado, Orígenes Lessa, Fernando Sabino, Edilberto Coutinho, João Antônio e Luiz Vilela, além de quatro crônicas.

Por sua vez, *A bola gira com o mundo* (2006),<sup>42</sup> com ilustrações de Valeriano dirigidas ao público infantojuvenil, compõe-se de seis contos, cinco dos quais se repetem em *11 histórias de futebol* (2006).<sup>43</sup> Ambas as antologias foram publicadas pela editora Nova Alexandria no ano da

---

<sup>40</sup> MOUTINHO. Apresentação, p. 12.

<sup>41</sup> Contos da coletânea *A palavra é... futebol*: “Corinthians 2 x Palestra 1” (*Brás, Bexiga e Barra Funda*, 1927), Alcântara Machado; “O Esperança Football Club”, Orígenes Lessa; “Iniciada a peleja”, Fernando Sabino; “Escapando com a bola” (*Lindas pernas*, 1979), Luiz Vilela; “Bola falando grosso” (*Maracanã, adeus*, 1980), Edilberto Coutinho; e “Juiz” (*O dedo-duro*, 1985), João Antônio.

<sup>42</sup> Contos de *A bola gira com o mundo*: “Almas da galera”, João Antônio; “Se as coisas não tivessem sido como foram, o que é não seria”, José Roberto Torero; “Sem defesa”, Luiz Galdino; “Jogar com os mortos”, Miguel Sanches Neto; “A bola e a rede” (*O sapo que engolia ilusões*, 1986), Moacir Japiassu; e “Família, futebol e regatas”, Ricardo Soares (Cf. *A BOLA gira com o mundo*).

<sup>43</sup> Contos da antologia *11 histórias de futebol*: “Ripa na xulipa”, Antonio Carlos Olivieri; “Golpe de vista”, Daniel Piza; “A última pelada de Mané”, Domingos Pellegrini; “Almas da galera”, João Antônio; “Se as coisas não tivessem sido como foram, o que é não seria”, José Roberto Torero; “Sem defesa”, Luiz Galdino; “Homem vestido de negro”, Lourenço Cazarré; “Jogar com os mortos”, Miguel Sanches Neto; “Família,

Copa na Alemanha, onde a seleção brasileira se sagrou pentacampeã. Esse fator parece ser considerável, tendo em vista que um terço das dezoito antologias publicadas chegou aos leitores em 2006. Aliás, treze antologias de contos foram publicadas em anos de copa, momento no qual o futebol e as narrativas sobre ele ficam mais em evidência. Apesar de essas antologias serem compostas por autores do porte de João Antônio e José Roberto Torero, conhecidos pelo leitor de literatura futebolística, destaca-se negativamente a ausência de informações sobre os textos selecionados e sobre seus organizadores. *11 histórias de futebol* traz um breve prefácio de Juca Kfoury, que pouquíssimo distingue a obra.

Outras quatro antologias, compostas de homens em sua integridade, trazem, em sua maior parte, contistas menos explorados pela crítica literária, como se a literatura futebolística já não mais reivindicasse a legitimação do cânone para se estabelecer enquanto uma potente dimensão da vida dos brasileiros a ser encenada. “Já foi o tempo em que a chamada *intelligentsia* de qualquer país [...] recriminava o futebol como atividade estritamente alienada e o condenava ao subsolo das necessidades populares”,<sup>44</sup> escreve Adolfo Montejo Navas na apresentação do livro de ensaio e relatos futebolísticos *A bola entre palavras*.

*A vez da bola* (2004),<sup>45</sup> pequena coletânea formada por sete narrativas, foi coorganizada por Lourenço Diaféria ao lado de Daniel Piza e Ivan Angelo, e traz dois contos inéditos de Diaféria e ilustrações de Eduardo Burato em parceria com Werner Schulz. Por sua vez, a antologia *Paixão e ficção: contos e causos de futebol* (2009),<sup>46</sup> organizada por Luís Pimentel e ilustrada por Amorim, é composta de onze narrativas, mas somente quatro são contos, como sinalizado na nota paratextual de

---

futebol e regatas”, Ricardo Soares; “A irmã do Biba”, Wladimir Catanzaro; “Torcida contra”, Wladyr Nader (Cf. 11 HISTÓRIAS *de futebol*).

<sup>44</sup> NAVAS. Mínimas palavras antes de entrar em campo, p. 7.

<sup>45</sup> Contos de *A vez da bola*: “Urgente, em mãos” (2004) e “A rã misteriosa” (2004), de Lourenço Diaféria (Cf. DIAFÉRIA; PIZA; ANGELO. *A vez da bola*: crônicas e contos do imaginário esportivo brasileiro).

<sup>46</sup> Contos de *Paixão e ficção*: “Flamengo” (*Um homem bebe cerveja no bar do Odilon*, 1978), Jeferson de Andrade; “Jogo encerrado” (*Um cometa cravado em tua coxa*, 2002), Luís Pimentel; “A vida dura de um árbitro de futebol” (*Chico Clarião fugiu com Cauby*, 2003), Nani; e “Garrincha F. C.”, Rafael Casé (Cf. PIMENTEL. *Paixão e ficção: contos e causos de futebol*).

autoria. Essas antologias, lamentavelmente, não trazem nenhum texto que as apresentem.

*Futebol: histórias fantásticas de glória, paixão e vitórias* (2014),<sup>47</sup> de Marco Rigobelli, consiste em dez contos centrados em alguns elementos sobrenaturais, exibindo atacantes irreais ou peladas mágicas.

Quando o editor Erick Santos me convidou para organizar esta antologia, eu já tinha a diversidade em mente. Queria compensar a falta de obras relacionadas ao futebol com o maior número de gêneros que fosse capaz de reunir em apenas dez contos. Desejava brincar com vida extraterrestre, transhumanismo, fantasia, futurismo, até um pouco de religião. Tudo que pudesse emprestar da magia do futebol.<sup>48</sup>

Na antologia *Outras copas, outros mundos* (1998),<sup>49</sup> organizada por Marcello Simões Branco, os textos também “falam de futebol de uma maneira bastante inusitada, surpreendente, onde o que parece ser, geralmente não é. Futebol no futuro, futebol nos dias de hoje e também no passado, com elementos fantásticos, futuristas, sobrenaturais”,<sup>50</sup> advertenos Telê Santana em sua curtíssima “Preleção do Mestre”. O livro traz onze contos, dois deles escritos por “mulheres”, como sinalizados no *sumário*: “Se Cortez houvesse vencido a peleja de Cozumel”, de Carla

<sup>47</sup> Contos de *Futebol: histórias fantásticas de glória, paixão e vitórias*: “Pátrias de chuteiras”, Gerson Lodi-Ribeiro; “2010, o ano em que faremos contrato” (*Outras copas, outros mundos*, 1998), Fábio Fernandes; “Sob o signo de Xoth” (*Outras copas, outros mundos*, 1998), Carlos Orsi; “Boost”, Vinícius Lisboa; “O último craque”, Marcel Breton; “Jogo puro”, Diego Matioli; “O último gol de Tião Canhoto”, Fábio Baptista; “O rei do futebol”, Sid Castro; “O último jogo”, Rodrigo van Kampen; e “Nos gramados em cinzas da Arena do Abismo”, Marco Rigobelli (Cf. RIGOBELLI. *Futebol: histórias fantásticas de glória, paixão e vitórias*).

<sup>48</sup> RIGOBELLI. Prefácio, p. 8.

<sup>49</sup> Contos de *Outras copas, outros mundos*: “2010, o ano em que faremos contrato”, Fábio Fernandes; “Craque na família”, Ataíde Tartari; “Santos F. C.”, Ivan Carlos Regina; “Eu matei Paolo Rossi”, Octávio Aragão; “O rude esporte humano”, Adriana Simon e Gerson Lodi-Ribeiro; “Carta à redação”, Bráulio Tavares; “Se Cortez houvesse vencido a peleja de Cozumel”, Carla Cristina Pereira; “Derby”, Marcello Simão Branco; “Sob o signo de Xoth”, Carlos Orsi; “O que vale é bola na rede”, Cesar R. T. Silva; e “Pátrias de chuteiras”, Gerson Lodi-Ribeiro (Cf. BRANCO. *Outras copas, outros mundos*).

<sup>50</sup> SANTANA. Preleção do Mestre, p. IX.

Cristina Pereira, e “O rude esporte humano”, de Adriana Simon, em coautoria com Gerson Lodi-Ribeiro. No entanto, Carla Cristina é um pseudônimo de Lodi-Ribeiro, que só é revelado pelo autor tempos depois, como se confere no *site* da Editora Draco: “Em 2009, despeitado com o sucesso literário de sua alter ego feminina e com as paixões que a moçoila despertava entre fãs de ficção científica, Gerson Lodi-Ribeiro acabou com a autonomia de sua maior criação, revelando que Carla não passava de um de seus pseudônimos”.<sup>51</sup> O autor até criou “dados biográficos” de Carla Cristina Pereira, presentes nas *notas de autoria*: “historiadora, carioca, 35 anos e torcedora do Fluminense. Esta é a sua estreia profissional, tendo atuado bastante nos anos 80 na comunidade de fãs de ficção científica na Califórnia (EUA), quando viveu por lá”.<sup>52</sup> Esses contos não entrarão em nosso cômputo geral de contos escritos por mulheres – o que pode ser reconsiderado *a posteriori* –, pois o conto de Adriana Simon é também escrito por um homem, o mesmo Lodi-Ribeiro, que por sua vez cunha o pseudônimo Carla Cristina ao publicar o outro conto.

No campo literário, encenações como as desse autor nos levam a pensar sobre o quanto o gênero é uma construção social, pois feminino e masculino não necessariamente estão relacionados, respectivamente, a mulheres e homens. No entanto, as complexidades teóricas acerca de gênero (e de gênero na literatura) não serão aqui tratadas, fugiriam de nosso escopo. Provisoriamente, limitamo-nos a chamar de mulher a cidadã que por lei foi impedida de praticar o futebol, pois, segundo Silvana Goellner, esse jogo era considerado exclusivamente

para machos. Sendo, portanto, para machos, pode vir a ferir o corpo feminino, fundamentalmente no que diz respeito à sua *saúde reprodutiva* e ao seu *aspecto estético*. Por *saúde reprodutiva*, entende-se a maternidade (função peculiar da mulher segundo os padrões dominantes), e por *aspecto estético*, entendam-se os estereótipos culturais ligados a padrões de beleza e feminilidade que impõem às mulheres (e também aos homens) determinadas formas de ser, de se comportar, de vestir, de andar, de sentar, de se expressar, de jogar e praticar esportes.<sup>53</sup>

<sup>51</sup> HISTÓRIAS de ficção científica por Carla Cristina Pereira, de Gerson Lodi-Ribeiro.

<sup>52</sup> BRANCO. *Outras copas, outros mundos*, p. 165.

<sup>53</sup> GOELLNER. Pode a mulher praticar o futebol?, p. 81-82, grifos da autora.

Além do fato dessas antologias serem predominantemente escritas por homens, são de domínio também deles os espaços ocupados nas histórias, mesmo quando o texto é escrito pelas mulheres. Ou seja, o enredo e os personagens dos contos estão emparelhados com a representação do futebol na sociedade. Silvana Goellner, na apresentação do livro *Mulheres na área: gênero, diversidade e inserções no futebol* (2016), assegura-nos que

não é necessário nenhum elaborado exercício de imaginação para perceber o quanto são brutais, no Brasil, as diferenças entre o futebol praticado por homens e o futebol praticado por mulheres. Essa diferenciação, marcadamente inscrita pelas distinções de gênero, estende-se para além daqueles(as) que jogam futebol: permeia a educação física escolar, as atividades de lazer, a presença na mídia, a representatividade nos órgãos gestores, a oportunidade do exercício na condução de equipes, a expressividade de pertencimentos clubísticos nos estádios e fora deles, a arbitragem, a concessão de patrocínios nos estádios e fora deles, a arbitragem, a concessão de patrocínios, a contratação de jornalistas, entre tantas outras situações nas quais as mulheres têm visíveis desvantagens apenas por serem mulheres.<sup>54</sup>

Afinal de contas, somente em dezembro de 1979 foi revogada a deliberação de 1965, que proibia as mulheres de jogarem futebol. Essa lei do Conselho Nacional de Desportos (CND) vinha esclarecer o decreto que vigorava desde 1941: “Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza”.<sup>55</sup> Contudo, apesar de não haver respaldo legal para a prática do futebol, é certo que as mulheres o jogavam às margens das organizações oficiais desde os primórdios do século.<sup>56</sup> Segundo Teresa Cunha, em “O início do futebol feminino no Brasil” (2016), as primeiras partidas de mulheres aconteceram na praia do Leblon, no Rio de Janeiro, em 1920, à noite, porque grande parte das jogadoras era empregada doméstica. “As praticantes eram, portanto, membros de classes menos favorecidas economicamente, ao contrário do

---

<sup>54</sup> GOELLNER. Apresentação, p. 14.

<sup>55</sup> BRASIL. Decreto-Lei n. 3199 de 14 de abril de 1941.

<sup>56</sup> GOELLNER. *Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades*, p. 147.

futebol masculino, modalidade exclusiva das elites brasileiras, nos anos iniciais”.<sup>57</sup> Isto é, o futebol era praticado por mulheres marginalizadas e fora do espaço habitual de jogo: o campo de futebol.

A prática do futebol feminino no espaço adequado e dentro das regras do jogo só ocorreu em 1958, no Triângulo Mineiro. O Araguari Atlético Clube, fundado em 1944, formou o pioneiro time para a realização de uma partida beneficente e contou com o estádio lotado. Nessa época, vale acentuar, essa partida era uma contravenção e uma subversão dos costumes, pois “as mulheres ainda eram criadas para serem mães e lidarem com a administração de seu lar, principalmente na tradicional família mineira”.<sup>58</sup> Devido ao exotismo do espetáculo, “as meninas ganharam fama nacional e internacional depois da primeira de uma série de reportagens na revista *O Cruzeiro*, de 28 de fevereiro de 1959, com o título ‘*Glamour usa chuteiras*’”.<sup>59</sup> No entanto, apesar desse time ter realizado outras partidas em Uberlândia, além de jogos em Belo Horizonte, Salvador e Goiânia, a modalidade não avançou muito, porque ela estava fora dos padrões normativos, num momento de proibição dessa prática esportiva no Brasil, como dito anteriormente. A partir de 1981, no Rio de Janeiro, o futebol feminino surgiu “legalmente” nos gramados brasileiros e pôde contar com certa visibilidade, por meio da cobertura midiática dispensada ao Esporte Clube Radar.<sup>60</sup>

No campo das letras, as mulheres pouco se insinuaram a propósito desse jogo que as deixou praticamente de fora por décadas. Voltando ao mapeamento dos contos, devem ser citadas três antologias em circulação pelo país nas quais figuram mais três escritoras. *Histórias de futebol* (2006)<sup>61</sup> foi coorganizado por Maria Viana e Adilson Miguel e “reúne oito contos de autores contemporâneos e uma crônica modernista

---

<sup>57</sup> CUNHA. O início do futebol feminino no Brasil, p. 234.

<sup>58</sup> CUNHA. O início do futebol feminino no Brasil, p. 238.

<sup>59</sup> CUNHA. O início do futebol feminino no Brasil, p. 240.

<sup>60</sup> SALVINI; MARCHI JÚNIOR. Uma história do futebol feminino nas páginas da revista *Placar* entre os anos 1980-1990.

<sup>61</sup> Contos de *Histórias de futebol*: “Afinação da arte de chutar tampinhas” (*Malagueta, perus e bacanaço*, 1963), de João Antônio; “Escapando com a bola” (*Lindas pernas*, 1979), Luiz Vilela; “Meninos não choram”, Fernando Bonassi; “O maestro e o bailarino”, Bruno Zeni; “O amigo do rei”, Marcelino Freire; “Gol sem apelido”, Henrique Félix; “O último gol”, João Anzanello Carrascoza; “Futebol, paixão e glória”, Edy Lima (Cf. MIGUEL; VIANA. *Histórias de futebol*).

[de Alcântara Machado]. Divertidos, pungentes, sensíveis, os textos mostram que, além de paixão nacional, o futebol pode ser assunto de boa literatura”.<sup>62</sup> Edy Lima (1924), premiada autora de obras infantojuvenis, comparece com o conto “Futebol, paixão e glória”. O livro conta com ilustrações de Rubem Filho, voltadas para o público dessa faixa etária.

*A cabeça do futebol* (2009),<sup>63</sup> coorganização de Carlos Magno Araújo, Samarone Lima e Gustavo de Castro, traz 28 textos de jornalistas, ficcionistas, poetas e pesquisadores. O historiador Hilário Franco Júnior, autor de *A dança dos deuses* (2007), obra de referência no campo dos estudos futebolísticos, revela no início de seu ensaio como lhe foi dirigido o convite para participar da publicação: “[...] me foi pedido para este livro um depoimento sobre minha vivência de torcedor”.<sup>64</sup> Quase toda a obra tem um caráter mais ensaístico do que literário. A rigor, há apenas três contos, entre eles “Pênalti”, de Elianne Diz de Abreu, mais uma mulher.

Já *Contos brasileiros de futebol* (2006),<sup>65</sup> antologia organizada e prefaciada pelo escritor Cyro de Mattos, traz o gênero muito bem demarcado. São dezenove contistas, dentre os mais representativos

---

<sup>62</sup> MIGUEL. Apresentação, p. 3.

<sup>63</sup> Contos de *A cabeça do futebol*: “O crime da Mesa Redonda”, Xico Sá; “O homem que queria superar Didi”, Luiz Martins da Silva; e “Pênalti”, Elianne Diz de Abreu (Cf. ARAÚJO; CASTRO; LIMA. *A cabeça do futebol*).

<sup>64</sup> FRANCO JÚNIOR. As cores da vida, p. 123.

<sup>65</sup> Narrativas de *Contos brasileiros de futebol*: “Mindinho” (*Bicho-carpinteiro*, 1959), José Cruz Medeiros; “No último minuto” (*Notas de Manfredo Rangel, repórter*, 1973), Sérgio Sant’Anna; “Navio negreiro” (*Maracanã, adeus*, 1980), Edilberto Coutinho; “Uma vez Flamengo...” (*Dias da Costa conta estórias do mirante dos aflitos*, 1980), Dias da Costa; “A bola e a rede” (*O sapo que engolia ilusões*, 1986), Moacir Japiassu; “O goleiro do time” (*Treze contos*, 1988), Edson Gabriel Garcia; “Meia encarnada, dura de sangue” (*Noturnos do amor e da morte*, 1989), Lourenço Cazarré; “A sombra” (*Os dedos e os dados*, 1989), Caio Porfírio Carneiro; “O goleiro Leleta” (jornal *A Tarde*, 1990), Cyro de Mattos; “Encanto de futebol” (*Contos de futebol*, 1997), Aldyr Garcia Schlee; “O gol” (*Onze de Biguaçu mais um*, 1997), Salim Miguel; “Campeonato de futebol” (*Sete cães derrubados*, 2000), Luís Henrique; “O massagista” (*Suplemento Literário de Minas Gerais*, 2002), Duílio Gomes; “Ninguém morre rindo” (*Exilados*, 2003), Suzana Montoro. Os seguintes contos foram publicados pela primeira vez nesta coletânea: “Jogo encoberto” (2006), Aécio Consolin; “Estádio” (2006), de Antônio Barreto; “1958” (2006), Deonísio da Silva; “O gol de Gighia”, Hélio Pólvoira; “Copa do Mundo” (2006), Renard Perez (Cf. MATTOS. *Contos brasileiros de futebol*).

quando o assunto é o futebol, como Edilberto Coutinho e Aldyr Garcia Schlee. Nas obras desses escritores encontramos

“os momentos maiores da ficção sobre o futebol que já se escreveu entre nós. O tema é recriado de forma pungente nesses dois contistas de importante presença em nossas letras. Os dois transfiguram o futebol no literário com força surpreendente. Encanto, feitiço e misérias estão presentes em histórias narradas com tensão e poesia”, profere o organizador ao apresentar a obra.<sup>66</sup>

“Ninguém morre rindo”, publicado antes em *Exilados* (2003), é a contribuição da paulistana Suzana Montoro (1957). A respeito de gênero, vale também evidenciar nessa antologia o conto “O goleiro do time” (1988), de Edson Gabriel Garcia, cuja narrativa é centrada nas peladas infantis e recai sobre a temática de gênero abordada por meio de Zeca, a goleira que se disfarçava de menino para se integrar ao time masculino do bairro. Só que um dia, diz o narrador do conto, “a bola bateu com tanta força no peito do goleiro que o jogou ao chão”. Um dos colegas “foi logo erguendo a camisa de Zeca. Mas... debaixo da camisa número um, na altura do peito magro, dois seios salientes e bonitos apareceram diante dos olhos dos jogares. – Ela é uma moça! – exclamaram todos”.<sup>67</sup> Essa cena, além de fazer referência à clássica personagem Diadorim, de Guimarães Rosa, que trajava vestimentas masculinas para acompanhar o bando de jagunços, leva-nos a refletir sobre as imensas dificuldades que as mulheres brasileiras ainda enfrentam para jogar futebol. Ou, de maneira mais ampla, para circularem por espaços considerados masculinos.

Para finalizar, retoma-se aqui o livro *Entre as quatro linhas* (2013),<sup>68</sup> de Luiz Ruffato, primeira antologia abordada neste estudo, cuja contribuição foi enorme para o estreitamento da relação entre o futebol e

<sup>66</sup> MATTOS. *Contos brasileiros de futebol*, p. 12.

<sup>67</sup> GARCIA. O goleiro do time, p. 95.

<sup>68</sup> Contos inéditos de *Entre as quatro linhas*: “Casquinha não era o que pensávamos”, Mário Araújo; “3 x futebol”, Fernando Bonassi; “Magarefe”, Ronaldo Correia de Brito; “Raimundo, o dono da bola”, Eliane Brum; “Meu pequeno amigo cubano”, Flávio Carneiro; “Mas o que é que eu tenho que fazer?”, André de Leones; “Um dia, uma camisa”, Tatiana Salem Levy; “O sucesso”, Adriana Lisboa; “Cemitério clandestino”, Ana Paula Lima; “Quatro linhas”, Tércia Montenegro; “Domingo no Maracanã”, Marcelo Moutinho; “O filho negro de Deus”, Rogério Pereira; “Reverso do jogo”,

a literatura, pois esse livro demonstra um esforço para promover originais histórias do “povo” em contato com o jogo. Além disso, suas escolhas buscaram “oferecer uma amostra da complexidade territorial e cultural de um país tão vasto como intangível quanto o Brasil” e “contemplar diversas gerações [...], regiões [...], locais de moradia [...], sendo nove homens e seis mulheres” a escreverem sobre o futebol,<sup>69</sup> o que colabora sensivelmente para a democratização dos espaços entre os gêneros. Nesse sentido, aqueles oito contos escritos por Rachel, Edy, Edla, Anna Maria, Hilda, Suzana, Valesca e Elianne ganharam de uma só vez o considerável reforço de mais seis contos escritos por mulheres, a saber: “Raimundo, o dono da bola”, de Eliane Brum (1966), “O sucesso”, de Adriana Lisboa (1970), “Reverso do jogo”, de Carola Saavedra (1973), “Quatro linhas”, de Tércia Montenegro (1976), “Cemitério clandestino”, de Ana Paula Maia (1977), e “Um dia, uma camisa”, de Tatiana Salem Levy (1979). Iniciativas como as realizadas por Luiz Ruffato, bem como por Flávio Moreira da Costa, são muito bem-vindas, pois só os dois juntos selecionaram quase um time inteiro de escritoras a tramar sobre o jogo. São dez contistas que contribuem sensivelmente para promover a atividade das mulheres em espaços pelos quais elas mal transitavam. Certamente, há muitas outras que escreveram contos futebolísticos, porém elas precisariam ganhar mais visibilidade por meio das possíveis antologias a serem preparadas futuramente – momentaneamente o placar é 97 contos escritos por homens e 14 escritos por mulheres.

Um bom exemplo disso é *Las dueñas de la pelota* (2014),<sup>70</sup> antologia que talvez seja a primeira da América Latina a reunir contos futebolísticos escritos somente por mulheres. O ineditismo desse empreendimento é bastante louvável, pois, como visto, “o futebol é

---

Carola Saavedra; “A história do futebol”, André Sant’Anna; e “Uma questão moral”, Cristovão Tezza (Cf. RUFFATO. *Entre as quatro linhas*: contos sobre futebol).

<sup>69</sup> RUFFATO. *Entre as quatro linhas*: contos sobre futebol, p. 11.

<sup>70</sup> Contos de *Las dueñas de la pelota*: “Matosas”, Esther Cross; “Fútbol era el de antes”, Ana María Shua; “La voz del estadio”, Gabriela Saidon; “El gol de la muerte según Clara Abel”, Betina González; “La guacha redonda”, Gabriela Cabezón Cámara; “Off side”, Selva Almada; “Alma negra”, Alejandra Laurencich; “La princesa enamorada”, Alejandra Zina; “La madre de Mariano Osorno”, Claudia Piñeiro; “El Mundial y la patria”, Sandra Lorenzano; “Poda”, Débora Mundani; “Cambiar de equipo”, María Rosa Lojo; “El silbato”, Susana Szwarc; “Patricio se bifurca”, Fernanda García Lao (Cf. PIÑEIRO. *Las dueñas de la pelota*: cuentos de fútbol escritos por mujeres).

território de homens. E se uma mulher se atreve a pisar nesse território, deverá suportar a desconfiança, a subestimação e algum desconforto por participar de uma festa à qual não foi convidada”,<sup>71</sup> escreve no prólogo Claudia Piñeiro, organizadora do livro. Ela afirma ainda que sua seleção oferece ao futebol “um ponto de vista peculiar, um som diferente, palavras que o contam de outro modo. Nessa antologia, há distinta intensidade sobre o papel do futebol na história contada”.<sup>72</sup> A autora nos sugere pensar que os contos narrados pelas mulheres são diferentes dos contos narrados pelos homens. Essa hipótese é bastante interessante e abre vários caminhos para investigações futuras, o que nos exigirá uma análise mais pormenorizada de cada um dos textos, suas tramas, seus personagens, seus aspectos formais etc.

Por fim, inventariar nunca foi uma tarefa simples, pois definir critérios de seleção igualmente significa estabelecer limites. Se um desses critérios for alterado, uma nova fronteira é estabelecida. O trabalho do antologista mostra determinados textos e oculta outros tantos, pois ele está sempre sujeito a restrições editoriais e a injustiças. Portanto, um inventário nunca deve ser considerado como definitivo. Ao realizar esse mapeamento da participação da mulher e do estrangeiro nas principais antologias de contos sobre futebol em circulação no Brasil, pretendemos ainda preparar e estimular futuras pesquisas sobre futebol, literatura e gênero.

---

<sup>71</sup> “El fútbol es territorio de hombres. Y, si una mujer se atreve a pisar ese territorio, deberá soportar la desconfianza, la subestimación y una cierta molestia por participar de una fiesta a la que no fue invitada”. (PIÑEIRO. *Las dueñas de la pelota: cuentos de fútbol escritos por mujeres*, p. 12, tradução nossa).

<sup>72</sup> “Un punto de vista peculiar, un sonido diferente, palabras que lo cuenten de otro modo. En esta antología hay distinta intensidad en cuanto al protagonismo del fútbol de la historia que se relata” (PIÑEIRO. *Las dueñas de la pelota: cuentos de fútbol escritos por mujeres*, p. 14, tradução nossa).

## Referências

### Antologias de contos sobre futebol

11 HISTÓRIAS de futebol. Prefácio de Juca Kfourri. São Paulo: Nova Alexandria, 2006.

A BOLA gira com o mundo. Ilustração de Valeriano. São Paulo: Nova Alexandria, 2006. (Coleção Prazer em Ler).

ARAÚJO, Carlos Magno; CASTRO, Gustavo de; LIMA, Samarone (Org.). *A cabeça do futebol*. Brasília: Casa das Musas, 2009.

BRANCO, Marcelo Simões (Org.). *Outras copas, outros mundos*. Ilustração de Mario Mastrotti e Octávio Aragão. São Caetano do Sul, SP: Ano-Luz, Grupo PECAS, 1998.

CASTRO, Gustavo de; LIMA, Samarone; ARAÚJO, Carlos Magno (Org.). *A cabeça do futebol*. Brasília: Casa das Musas, 2009.

COELHO, Eduardo (Org.). *Donos da bola*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2006.

COSTA, Flávio Moreira da (Org.). *22 contistas em campo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

COSTA, Flávio Moreira da (Org.). *Onze em campo e um banco de primeira*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998.

COSTA, Flávio Moreira da (Org.). *Onze em campo*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.

DIAFÉRIA, Lourenço; PIZA, Daniel; ANGELO, Ivan (Org.). *A vez da bola: crônicas e contos do imaginário esportivo brasileiro*. Ilustração de Eduardo Burato e Werner Schulz. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2004. (Coleção Toque de Letra; Série Lazuli).

LIMA, João Gabriel de (Org.). *Livro Bravo! Literatura e futebol*. Projeto gráfico de Klaus Bernhoeft. Ilustração de Ricardo Soares. São Paulo: Ed. Abril, 2010.

MATTOS, Cyro de (Org.). *Contos brasileiros de futebol*. Brasília: LGE, 2006.

MIGUEL, Adilson; VIANA, Maria (Org.). *Histórias de futebol*. Ilustração de Rubem Filho. São Paulo: Scipione, 2006.

OSTERMANN, Ruy Carlos (Org.). *Meia encarnada, dura de sangue: literatura e esporte*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2001.

PEDROSA, Milton (Org.). *Gol de letra: o futebol na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Gol, 1967.

PIMENTEL, Luís (Org.). *Paixão e ficção: contos e causos de futebol*. Rio de Janeiro: Myrrha, 2009.

RAMOS, Ricardo (Org.). *A palavra é... futebol*. Seleção de fotos de Andréa Cozzolino. São Paulo: Scipione, 1990.

RIGOBELLI, Marco (Org.). *Futebol: histórias fantásticas de glória, paixão e vitórias*. São Paulo: Draco, 2014.

RUFFATO, Luiz (Org.). *Entre as quatro linhas: contos sobre futebol*. São Paulo: Editora DSOP, 2013.

## **Geral**

CORNELSEN, Elcio; SILVA, Silvio Ricardo. O futebol visto da academia: entrevista com Elcio Cornelsen e Silvio Ricardo. *Em Tese*, Belo Horizonte, v. 20, n. 1, p. 169-176, jan./abr. 2014. Entrevista concedida a Marcelino Rodrigues da Silva.

COSTA, Flávio Moreira da. *Malvadeza Durão* – mais, Néelson Barbante, Nezinho Copacabana, Coisa Ruim, Bezerro Bill, Drácula e outros contos malandros. Rio de Janeiro: Record, 1981.

COUTINHO, Edilberto. *Maracanã, adeus: onze histórias de futebol*. 9. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

CUNHA, Teresa Cristina de Paiva Montes. O início do futebol feminino no Brasil. In: KESSLER, Cláudia Samuel (Org.). *Mulheres na área: gênero, diversidade e inserções no futebol*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016. p. 233-254.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. As cores da vida. In: ARAÚJO, Carlos Magno; CASTRO, Gustavo de; LIMA, Samarone (Org.). *A cabeça do futebol*. Brasília: Casa das Musas 2009. p. 123-131.

GALUPPO, Ricardo. *Raça e amor: a saga do Clube Atlético Mineiro vista da arquibancada*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

GARCIA, Edson Gabriel. O goleiro do time. In: MATTOS, Cyro de (Org.). *Contos brasileiros de futebol*. Brasília: LGE, 2006. p. 93-96.

GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. Tradução de Álvaro Faleiros. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.

GIGLIO, Sérgio Settani; SPAGGIARI, Enrico. A produção das ciências humanas sobre futebol no Brasil: um panorama (1990-2009). *Revista de História*, São Paulo, n. 163, p. 293-350, jul./dez. 2010. Dossiê História e Futebol.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Apresentação. In: KESSLER, Cláudia Samuel (Org.). *Mulheres na área: gênero, diversidade e inserções no futebol*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016. p. 13-15.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 8, n. 1, p. 85-100, nov. 2005.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 143-151, jun. 2005.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Pode a mulher praticar o futebol? In: CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues (Org.). *Futebol: paixão e política*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p. 79-93.

MIGUEL, Adilson. Apresentação. In: MIGUEL, Adilson; VIANA, Maria (Org.). *Histórias de futebol*. Ilustração de Rubem Filho. São Paulo: Scipione, 2006.

MOUTINHO. Apresentação. In: LIMA, João Gabriel de (Org.). *Livro bravo! Literatura e futebol*. São Paulo: Ed. Abril, 2010. p. 10-13.

NASCIMENTO, Edônio Alves do. *A esfera como metáfora: representações do futebol no campo da literatura (leituras do tema no conto de ficção)*. 2011. 403 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Literatura Comparada) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2011.

NAVAS, Adolfo Montejo. Mínimas palavras antes de entrar em campo. In: NAVAS, Adolfo Montejo (Org.). *A bola entre palavras*. São Paulo: Annablume, 2010. p. 7-9.

PIAZZI, Giulia. *Esporte de massa como objeto de nicho: uma análise editorial do mercado de livros de futebol*. 2015. 92 f. Monografia (Graduação em Letras – Tecnologias de Edição) – CEFET/MG, Belo Horizonte, 2015. Disponível em: <<https://goo.gl/w2Mmw5>>. Acesso em: 25 ago. 2016.

PIÑEIRO, Claudia. *Las dueñas de la pelota: cuentos de fútbol escritos por mujeres*. Buenos Aires: El Ateneo, 2014.

RIBEIRO, Paulo. Vinagre deu uma voadeira. In: OSTERMANN, Ruy Carlos (Org.). *Meia encarnada, dura de sangue – literatura e esporte*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2001. p. 62-64.

RIGOBELLI, Marco. Prefácio. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *Futebol: histórias fantásticas de glória, paixão e vitórias*. São Paulo: Draco, 2014.

RUFFATO, Luiz. *O mundo inimigo*. Rio de Janeiro: Record, 2005. (Inferno Provisório, v. II).

SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo: Ática, 1997.

SALVINI, Leila; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. Uma história do futebol feminino nas páginas da revista *Placar* entre os anos 1980-1990. *Movimento*, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 95-115, out. 2012.

SANTANA, Telê. Preleção do Mestre. In: BRANCO, Marcelo Simões (Org.). *Outras copas, outros mundos*. São Caetano do Sul, SP: Ano-Luz, Grupo PECAS, 1998. p. IX.

SCHLEE, Aldyr Garcia. Maestros del fútbol. In: OSTERMANN, Ruy Carlos (Org.). *Meia encarnada, dura de sangue – literatura e esporte*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2001. p. 74-80.

SILVA, Silvio Ricardo da. *Levantamento da produção sobre o futebol nas ciências humanas e sociais de 1980 a 2007*. Belo Horizonte: Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional/UFMG, 2009.

STEIN, Shawn; CAMPISI, Nicolás (Org.). *Por amor a la pelota: once cracks de la ficción futbolera*. Santiago: Cuarto Propio, 2015.

VALDANO, Jorge (Org.). *Contos de futebol*. Tradução de Conceição Silva, Fernanda Holbeche, Manuel Alberto. Lisboa: Relógio d'Água, 2002.

VALDANO, Jorge (Org.). *Cuentos de fútbol*. Seleção e prólogo de Jorge Valdano. Buenos Aires: Alfaguara, 1998.

VIANY, Alex. Cinema no Maracanã. In: PEDROSA, Milton (Org.). *Gol de letra: o futebol na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Gol, 1967. p. 127-131.

### **Referências eletrônicas**

BRASIL. Conselho Nacional de Desportos. Decreto-Lei n. 3199 de 14 de abril de 1941. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. Brasília, DF, 1941. Seção 1. Disponível em: <[goo.gl/naHg7I](http://goo.gl/naHg7I)>. Acesso em: 25 ago. 2016.

COSTA, Flávio Moreira da. Entrevista com Flávio Moreira da Costa. *GI*, Rio de Janeiro, 16 jan. 2009. Máquina de Escrever. Disponível em: <[goo.gl/vvvOLG](http://goo.gl/vvvOLG)>. Acesso em: 25 ago. 2016.

ESTANTE Virtual. Disponível em: <<https://www.stantevirtual.com.br/>>.

HISTÓRIAS de ficção científica por Carla Cristina Pereira, Gerson Lodi-Ribeiro. Editora Draco, [20--]. Disponível em: <[goo.gl/FDqmT7](http://goo.gl/FDqmT7)>. Acesso em: 15 ago. 2016.

LIVRARIA Cultura. Disponível em: <<http://www.livrariacultura.com.br/>>.

LUDOPÉDIO. Disponível em: <<http://www.ludopedio.com.br/>>.

SCHLEE, Aldyr Garcia. Aldyr Garcia Schlee trata da fronteira imaginada em sua literatura. *Zero Hora*, Porto Alegre, 26 out. 2013. Entrevista. Disponível em: <[goo.gl/FnKc5M](http://goo.gl/FnKc5M)>. Acesso em: 15 ago. 2016.